

## Introdução e difusão das ideias Kleinianas no Brasil e seus impactos para a psicanálise de crianças

### Introduction and dissemination of Klein's ideas in Brazil and their impacts for child psychoanalysis

**Jorge Luís Ferreira Abrão**

 <https://orcid.org/0000-0002-3069-2285>

Universidade Estadual Paulista  
Brasil

#### Resumo

O objetivo deste artigo é demonstrar de que maneira o pensamento psicanalítico de Melanie Klein foi introduzido e difundido no Brasil, e, simultaneamente, apresentar a relação entre as ideias de Melanie Klein e o desenvolvimento da psicanálise de crianças no país. A partir de uma investigação histórica, fundamentada em análise documental e entrevistas com pioneiros da psicanálise, identificou-se que a transmissão das ideias kleinianas por intermédio da psicanálise de crianças no Brasil, iniciada na década de 1930, passou por três etapas: 1) Das primeiras referências às práticas de higiene mental escolar, 2) O surgimento da prática clínica e 3) A consolidação da psicanálise de crianças e da matriz kleiniana. Conclui-se que a apropriação das ideias kleinianas no Brasil transitaram de uma reprodução canônica, com pouca ou nenhuma inovação no início, em direção ao desenvolvimento de um pensamento clínico original com a introdução de inovações teóricas e técnicas.

**Palavras-chaves:** Melanie Klein; psicanálise de crianças; Brasil.

#### Abstract

The objective of this paper is to demonstrate how Melanie Klein's psychoanalytic thought was introduced and disseminated in Brazil, and, simultaneously, present the relationship between Melanie Klein's ideas and the development of child psychoanalysis in the country. From a historical investigation, based on documentary analysis and interviews with pioneers of psychoanalysis, it was identified that the transmission of Kleinian ideas through child psychoanalysis in Brazil, which began in the 1930s, went through three stages: 1) From the first references to school mental hygiene practices, 2) The emergence of clinical practice and 3) The consolidation of child psychoanalysis and the Kleinian matrix. It is concluded that the appropriation of Kleinian ideas in Brazil moved from a canonical reproduction, with little or no innovation at the beginning, towards the development of an original clinical thought with the introduction of theoretical and technical innovations.

**Keywords:** Melanie Klein; child psychoanalysis; Brazil.

O assunto em debate, no qual o presente artigo está circunscrito, propõe a articulação de dois grandes temas que se encontram intrinsecamente articulados e relacionados no âmbito da historiografia<sup>1</sup> da psicanálise no Brasil, quais sejam: a transmissão do pensamento psicanalítico desenvolvido na Europa para o contexto brasileiro, com ênfase nas contribuições de Melanie Klein, e a difusão das práticas relativas à psicanálise de crianças no país.

Entende-se que a referida articulação entre esses dois eixos temáticos não é aleatória, ao contrário, esses dois temas, ainda que guardem independência entre si, encontram muitos pontos de tangenciamento e sobreposição, tendo em vista que entre as décadas de 1950 a 1980 a psicanálise de crianças que vicejava no Brasil apresentava uma influência majoritariamente kleiniana (Abrão, 2001, 2004).

Desta forma, a presente exposição terá por objetivo demonstrar de que maneira o pensamento kleiniano, desenvolvido na Europa a partir de Melanie Klein e seus seguidores, foi introduzido e difundido no Brasil, destacando suas singularidades e originalidades ao longo do processo de apropriação conceitual e aplicação na prática clínica e, ao mesmo tempo, apresentar a relação entre as ideias de Melanie Klein e o desenvolvimento da psicanálise de crianças no país.

Para a consecução desses objetivos, delimitou-se um estudo circunscrito ao campo da historiografia psicanalítica que empregou como fontes históricas levantamento documental, por intermédio da análise de texto, artigos, livros, e realização de entrevistas com pioneiros que participaram da difusão da psicanálise no Brasil.

Cumprindo inicialmente justificar e demonstrar quais as razões que tornam esses dois eixos temáticos tão interligados ao longo do processo de difusão da psicanálise no Brasil, para, na sequência, apresentar os principais fatos e as considerações pertinentes que marcaram esse processo de transmissão da psicanálise ao longo do século XX.

Uma vez considerado o desenvolvimento da psicanálise de crianças no bojo do movimento psicanalítico, evidencia-se que esta modalidade de tratamento foi, durante vários anos, um campo de investigação científica e de atuação profissional muito pouco explorado, dadas as dificuldades da aplicação da técnica psicanalítica neste contexto e o limitado prestígio conferido a esta especialidade nos anos iniciais da disciplina freudiana. Com isso, seguiu-se à apresentação, por Freud, em 1909, do caso que ficou conhecido como pequeno Hans, um hiato de aproximadamente dez anos, até que esta especialidade voltasse à cena nas investigações psicanalíticas, por intermédio dos trabalhos pioneiros de Melanie Klein (1921/1996) e Anna Freud (1926/1971). Os caminhos trilhados por estas autoras nem sempre propicia-

---

<sup>1</sup> Para maior clareza conceitual, o termo *historiografia* foi empregado no sentido definido por William Woodward, ao referir-se à história da psicologia: "O pensamento histórico não é muito diferente de qualquer outra forma de trabalho intelectual. Em princípio divide-se em duas partes ou fases: método histórico ou análise das fontes, e historiografia, ou análise e síntese. Em outras palavras a coleta de dados leva à apresentação dos resultados e conclusões. Na prática a palavra 'historiografia' passou a ser aplicada a ambas as partes, a análise e a síntese" (Woodward, 1998, pp. 62-63).

ram um convívio amistoso, haja vista as marcadas divergências teóricas e técnicas presentes em seus trabalhos, conduzindo a criação de dois modelos distintos em análise de crianças, promovendo diversos confrontos teóricos e técnicos, que reverberaram ao longo de várias décadas e influenciando gerações de psicanalistas em diferentes partes do mundo.

Mais do que o embate direto entre duas damas da análise infantil, este confronto favoreceu a propagação das ideias e sua utilização em diferentes contextos, possibilitou a delimitação de fronteiras e o reconhecimento da maior ou menor viabilidade de cada sistema conceitual.

Freud disse, em 1927, que a experiência teria a palavra final. Pois bem, no mundo inteiro, a experiência parece ter dado razão às teorias kleinianas que se impuseram com vigor entre todos os clínicos da infância. Não obstante, em toda parte elas foram revistas, corrigidas, transformadas e modificadas no sentido de uma participação maior dos pais no desenrolar da análise. Por outro lado, a herança da escola vienense foi colhida por todos os defensores das experiências sociais e educativas, de Margaret Mahler a Bruno Bettelheim (Roudinesco & Plon, 1997/1998, p. 610).

Podemos concluir, portanto, que com o passar do tempo e com a ampliação das fronteiras do mundo psicanalítico, os fundamentos da técnica da análise de crianças criada por Melanie Klein encontraram ampla aceitação em diferentes partes do mundo. Em menor escala nos Estados Unidos e de forma mais acentuada na América do Sul, o modelo kleiniano tornou-se uma presença de referência para a psicanálise de crianças, resguardadas as modificações e as adaptações que veio a sofrer, ao ser inserido em outros contextos culturais e científicos.

Na medida em que a psicanálise de crianças se tornou um fator distintivo do Grupo Kleiniano, sobretudo nas primeiras décadas do século XX, em decorrência do caráter inovador de sua técnica, atuou também como um elemento organizador do sistema conceitual formulado por Melanie Klein, possibilitando algumas frentes de desenvolvimento da psicanálise.

Por um lado, permitiu que o trabalho pioneiro com crianças não só favorecesse a estruturação de uma técnica que tornou o procedimento analítico acessível aos primeiros anos da infância, como também possibilitou o alargamento da técnica de análise de adultos, como por exemplo a compreensão de elementos não verbais que emergem no *setting* em paralelo com as associações livres.

Por outro lado, impulsionou a ampliação das hipóteses teóricas relativas ao desenvolvimento do psiquismo infantil nos primeiros anos de vida, resultando, entre outras ampliações teóricas, na criação da Teoria das Posições e no reordenamento dos conceitos de superego e complexo de Édipo dentro dessa teoria. Isso ocorreu na medida em que Melanie Klein, dispondo de um novo elemento – a técnica do brincar –, foi defrontada com estratos do universo psíquico infantil até então inacessíveis, fazendo com que as hipóteses teóricas formuladas até então na psicanálise fossem insuficientes, ou mesmo imprecisas, para explicar a complexidade dos elementos

que a clínica da primeira infância lhe apresentava.

Essa conjuntura fez com que a psicanálise de crianças se tornasse um importante elemento identitário do Grupo Kleiniano, sobretudo quando visto externamente, entre as décadas de 1920 a 1940. Para Elisabeth Spillius:

A análise kleiniana começou através da análise de crianças, um aspecto central dos trabalhos de Klein. (...) A análise de crianças continuou sendo a principal área de pesquisa e desenvolvimento através dos anos 20, 30 e 40, embora o ímpeto tenha diminuído nos anos 40, à medida que a análise de psicóticos tornou-se a área primordial de desenvolvimento e pesquisa (Spillius, 1988/1990, p. 173).

Torna-se evidente, portanto, a participação da psicanálise de crianças como fator vital na arquitetura do pensamento kleiniano, principalmente nos primeiros anos de seu desenvolvimento, seja como elemento organizador de um modelo teórico e técnico, ou como um agente de difusão da doutrina, dotado de ampla aceitação. Ainda que não se deva tomar essa afirmação de forma reducionista, haja vista que a difusão do pensamento kleiniano não ficou circunscrita a um único fator, dada a amplitude e a magnitude que suas contribuições à psicanálise assumiram ao longo dos tempos, a psicanálise de crianças sempre foi um elemento identitário para Melanie Klein e seus seguidores.

Sem se configurarem como uma exceção a essa tendência, os primeiros momentos que marcam a difusão do pensamento kleiniano no Brasil foram delineados em grande parte por intermédio da psicanálise de crianças, desta forma, a ênfase conferida a esta especialidade na fase inicial da difusão do pensamento kleiniano no país não pode ser atribuída a uma idiosincrasia local, sendo antes uma característica inerente à expansão do pensamento kleiniano, tendo em vista que movimento semelhante foi observado em outros países da América Latina como a Argentina, por intermédio do grupo liderado por Arminda Aberastury (Fendrik, 2006).

Uma vez analisados os fundamentos que permitem sustentar a ideia de que a psicanálise de crianças se constituiu em um significativo fator de difusão das ideias kleinianas para além das fronteiras da Inglaterra, cumpre discutir a difusão do pensamento kleiniano no Brasil e seu impacto sobre a psicanálise de crianças que vicejou no país durante as primeiras décadas do século XX.

### **Das Primeiras Referências às Práticas de Higiene Mental Escolar**

As primeiras referências aos trabalhos de Melanie Klein em publicações nacionais surgiram muito precocemente, ainda na década de 1930, tendo como marco simbólico o artigo intitulado *A Technica da Psychanalyse Infantil*, publicado pelo médico alagoano Arthur Ramos<sup>2</sup> em 1933. O artigo, de extrema lucidez e atualidade para a época, dedicava-se a apresentar diversos autores que se despontavam

<sup>2</sup> Arthur Ramos de Araújo Pereira (1903-1949) formou-se pela Faculdade de Medicina da Bahia, onde defendeu, aos 23 anos, sua tese de doutorado intitulada *Primitivo e Loucura*. Em 1934, transferiu-se para o Rio de Janeiro, onde viveu até o fim de seus dias, atuando inicialmente como diretor

no campo da psicanálise infantil naquela época, momento em que a psicanálise de crianças ainda estava muito identificada com as práticas educativas. Ao trazer à luz os ensinamentos de Melanie Klein sobre o tema, que haviam sido publicados em 1932 no livro *A Psicanálise de Crianças*, Arthur Ramos destaca:

Mme. Melanie Klein é quem tem feito as mais interessantes aplicações dessa technica do jôgo. Partindo da idéa que a acção é mais fácil do que a palavra, na creança, ella provoca o seu comportamento nos brinquedos, pondo à disposição do pequeno analysando um verdadeiro mundo em miniatura, tudo aquilo que constitui o objecto mais commun dos brinquedos infantis. E então ella analisa o comportamento da creança. (...) Melanie Klein observa dessa maneira as várias inclinações da creança, porque, nos seus brinquedos, ella pôde executar actos que na vida real seriam inibidos por causa do poderio das pessoas que a rodeiam. Na creança, os detalhes do jôgo valem, para a analyse, como as associações de idéias dos adultos; ella substitui a palavra pela acção (Ramos, 1933, pp. 198-199).

Inicialmente cumpre destacar alguns elementos emblemáticos desta citação. Primeiramente ressalta-se a atualidade do texto de Arthur Ramos para a época, visto que apenas um ano após a publicação do emblemático trabalho de Melanie Klein sobre análise de crianças, Arthur Ramos estava a discuti-lo e a tornar suas ideias acessíveis aos profissionais brasileiros. Outro aspecto a ser sublinhado diz respeito ao elemento que despertou maior interesse de Arthur Ramos, notadamente a técnica do brincar, dada a sua originalidade para a época.

Embora Arthur Ramos nunca tenha atuado como analista de crianças, haja vista que sua prática profissional neste campo esteve circunscrita à educação, por Intermédio da Clínica de Ortofrenia e Higiene Mental que coordenou no Rio de Janeiro na década de 1930, sua aproximação com o trabalho de Melanie Klein exerceu sobre ele significativa influência. Esse raciocínio pode ser corroborado por intermédio de uma citação datada de 1939 extraída do livro *A Criança Problema*. Comenta ele: "Não fazemos análises diretas, ortodoxas, na criança, a molde de Anna Freud. Damos preferência ao método indireto de Melanie Klein nos casos indicados de correção psicanalítica" (Ramos, 1939, p. 387).

Dois elementos devem ser destacados ao se analisar essa citação. Inicialmente cabe considerar que Arthur Ramos adotava como referência de técnica psicanalítica o emprego sistemático da livre assinação, possivelmente por isso, entende a técnica adotada por Anna Freud na análise de crianças como ortodoxa, em contrapartida encontra em Melanie Klein uma técnica disruptiva que é por ele classificada como indireta ou heterodoxa.

Complementarmente, a amplitude e o significado dessa citação precisam ser

---

da Seção de Ortofrenia e Higiene Mental e, pouco depois, como professor de Psicologia Social na então Universidade do Brasil. Teve um interesse intelectual bastante eclético, dedicando-se aos estudos de criminologia, antropologia, psicologia social e psicanálise. Na condição de precursor da psicanálise de crianças no Brasil, publicou vários trabalhos, entre eles os mais destacados são: *A Technica da Psychanalyse Infantil* (1933), *Educação e Psychanalyse* (1934) e *A Criança Problema* (1939) (Abrão, 2008).

compreendidos no contexto da atuação profissional de Arthur Ramos, tendo como ponto de referência a proposta de atendimento oferecida às chamadas “crianças-problema”, nas Clínicas de Orientação Infantil do Rio de Janeiro. Neste serviço não se adotava um procedimento psicoterápico, tal qual o entendemos hoje: a ênfase do trabalho recaía sobre o diagnóstico e as orientações. Possivelmente, a preferência conferida à técnica kleiniana deve-se ao fato de que a análise do brincar, enquanto forma de expressão simbólica do conteúdo inconsciente da criança, é um recurso que pode ser empregado tanto com finalidade terapêutica quanto diagnóstica, condição esta que favoreceu a utilização da técnica do brincar no trabalho de avaliação do escolar deficitário, realizado por esta instituição de assistência à infância.

A importância assumida por Arthur Ramos como precursor na difusão das ideias kleinianas no Brasil durante a década de 1930 reside no pioneirismo na divulgação dos trabalhos de Melanie Klein com ênfase na técnica da análise de crianças, ainda que a aplicação de sua técnica de análise de crianças através do brincar não tenha sido empregada diretamente.

Após essa iniciativa pioneira de Arthur Ramos na década de 1930 é possível afirmar que as ideias de Melanie Klein continuaram a circular no Brasil de forma errática e limitada durante toda a década de 1940 até meados da década de 1950. Neste período, do conjunto de contribuições teóricas e técnicas de Melanie Klein à psicanálise, apenas a técnica da análise de crianças através do brincar reverberou no país, sendo empregada como elemento coadjuvante no trabalho desenvolvido nas clínicas de orientação infantil, que se multiplicaram nos principais centros culturais do país. As clínicas de orientação infantil vinculadas a serviços educacionais tinham por finalidade prestar assistência às chamadas crianças problema, que manifestavam algum tipo de desajustamento escolar, sendo que sua ação se sustentava, fundamentalmente, na realização de diagnósticos e orientações de pais e professores. Os exemplos mais célebres dessas instituições foram a Seção de Ortofrenia e Higiene Mental criada em 1933 no Rio de Janeiro por Anísio Teixeira<sup>3</sup> sob a liderança de Arthur Ramos e a Seção de Higiene Mental Escolar criada em 1938 no âmbito do Departamento de Educação do Estado de São Paulo, que esteve sob a coordenação de Durval Marcondes, adepto das ideias freudianas que, posteriormente, veio a tornar-se psicanalista<sup>4</sup>.

---

<sup>3</sup> Anísio Teixeira (1900-1970), estudou com o filósofo John Dewey (1858-1952) nos Estados Unidos e trouxe para o Brasil suas ideias sobre uma nova filosofia educacional conhecida como *Escola Nova*, implantando-as no ensino municipal do Rio de Janeiro na década de 1930, o que ficou conhecido como *Reforma Anísio Teixeira*.

<sup>4</sup> Durval Bellegarde Marcondes (1899-1981), desde o início de sua vida acadêmica na Faculdade de Medicina de São Paulo, onde se formou em 1924, manteve estreito contato com a psicanálise. Seguindo os passos do mestre e incentivador Franco da Rocha, de quem herdou o gosto e a dedicação pela psicanálise, atuou para formar no Brasil a primeira Sociedade de Psicanálise reconhecida pela IPA, além de ter iniciado, de forma independente, o atendimento de pacientes empregando a técnica de Freud nos últimos anos da década de 1920 (Sagawa, 2002).

Desta forma, é possível delimitar uma primeira etapa que marca o desenvolvimento da psicanálise de crianças no Brasil, qual seja: a aplicação da psicanálise de crianças à educação ou mais especificamente a chamada higiene mental escolar, por intermédio da atuação das clínicas de orientação infantil. Neste período, a psicanálise manteve estreita conexão com a educação, sendo empregada não como recurso psicoterápico, mas como um instrumental teórico, que possibilitava a compreensão da personalidade e do desenvolvimento da criança, de forma a identificar suas dificuldades escolares e promover manejos ambientais orientados pela psicanálise. Dois elementos concorrem para que esta forma de apropriação da psicanálise de crianças ganhasse forma no Brasil: durante as décadas de 1920 e 1930 vicejou, sem grande sucesso, no movimento psicanalítico europeu, tentativas de promover a educação infantil a partir de princípios psicanalíticos (Kupfer, 1989) com finalidade profilática, destinada a evitar o surgimento de neuroses (Freud, 1974) ou a promover melhores condições para o desenvolvimento da criança (Klein, 1921/1996). Em alguma medida essas ideias encontraram eco no Brasil durante a década de 1930, junto a isto, soma-se o fato de que a prática clínica em psicanálise de crianças ainda era desconhecida no país e não havia profissionais com formação para o exercício desta especialidade.

A abrangência e importância atribuídas a higiene mental escolar neste período, seja no Rio de Janeiro ou em sua congênere paulista, assume uma magnitude que vai além de fundar no Brasil uma prática de atendimento inspirada na psicanálise de crianças. Este trabalho agrega contribuições que permitem refletir sobre a origem da psicopedagogia na escola brasileira e sobre a relação entre psicanálise e instituição. Outro ponto relevante que caracteriza a aproximação entre a psicanálise de crianças e a educação é a distinção estabelecida entre criança problema e criança deficiente, que na pedagogia tradicional eram classificadas sob um único rótulo: o de criança anormal. Estes serviços de higiene mental entendiam que a criança problema, ao contrário da deficiente, tinha suas dificuldades forjadas na relação entre suas necessidades individuais e o meio social em que estão inseridas. É neste contexto que emerge espaço para o surgimento da psicanálise de crianças associada à higiene mental.

Por fim é relevante salientar que esse primeiro momento do desenvolvimento da psicanálise de crianças no Brasil, em que as ideias kleinianas atuaram de forma coadjuvante, porém consistente, assumiu um caráter muito mais profilático do que psicoterápico. Por certo, a conotação profilática atribuída à higiene mental escolar não trazia o signo da eugenia que esteve presente nas aproximações entre educação e psicanálise no Brasil na década de 1920; nesta iniciativa, concretizada nas clínicas de orientação infantil, a prevenção em saúde mental começou a ser praticada dentro da seara da clínica, tendo na psicanálise seu principal pilar de sustentação, garantindo às crianças que potencialmente apresentavam demandas emocionais a assistência necessária a suas manifestações sintomáticas durante a infância, me-

diante a promoção de mudanças ambientais no contexto escolar e/ou familiar.

### **O Surgimento da Prática Clínica**

Após essa primeira etapa, em que o pensamento de Melanie Klein ecoou de forma bastante pontual e limitada no Brasil, é possível diferenciar um segundo momento, que se estende da segunda metade da década de 1950 até o final da década de 1960, período este que pode ser caracterizado pelo efetivo surgimento da psicoterapia psicanalítica no país, de tal forma que se evidenciou um arrefecimento da aproximação entre a psicanálise e a educação e um incremento das práticas clínicas voltadas à criança fundadas no referencial psicanalítico. Neste segundo período do desenvolvimento da psicanálise de crianças no Brasil, as ideias kleinianas começam a ecoar de forma consistente, servindo como subsídio teórico e técnico para a psicoterapia psicanalítica brasileira. A compreensão desse processo requer a delimitação de alguns elementos históricos que precisam ser sublinhados, entre eles: a emigração de profissionais brasileiros em busca de formação psicanalítica no exterior e a presença de psicanalistas com formação kleiniana no país, com a finalidade de desenvolver atividades didáticas como cursos ou supervisões.

As décadas de 1950 a 1960 são caracterizadas pela institucionalização do movimento psicanalítico no Brasil, com o surgimento de Sociedades de Psicanálise filiadas a IPA (International Psychoanalytic Association)<sup>5</sup>. Desta forma, começa a vicejar no país uma demanda por formação psicanalítica, fazendo com que muitos profissionais brasileiros fossem buscar no exterior formação psicanalítica ou mesmo aperfeiçoar a formação realizada no Brasil. As sendas percorridas por esses profissionais tinham duas direções distintas, que influenciaram diretamente a difusão do pensamento kleiniano no Brasil, quais sejam: Inglaterra e Argentina. De tal forma que se dirigiram para a Inglaterra para realizar formação psicanalítica o psiquiatras Décio Soares de Souza em 1950 e Manoel Thomaz Moreira Lyra em 1953. O mesmo destino tiveram Virgínia Leone Bicudo e Frank Julian Philips, após concluírem formação na Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, dirigiram-se para Londres em 1949 e 1955 respectivamente, com a finalidade de aperfeiçoar a formação realizada no Brasil. Em outra direção rumaram para Buenos Aires os cariocas Alcyon Bahia em 1945, Danilo Perestrello e Marialzira Perestrello em 1946 e os gaúchos Mario Martins e Zaira Martins em 1944, José Lemmertz em 1945 e Cyro Martins em 1951 (Abrão, 2004). É certo que as razões que levaram os psicanalistas brasileiros a buscarem informação ora na Inglaterra, ora na Argentina são distintas, e decorrem de fatos históricos diversos que merecem ser brevemente deslindados.

Até a eclosão da Segunda Guerra Mundial, a competente atuação de Freud

---

<sup>5</sup> Em 1951 a Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo obtém seu reconhecimento definitivo junto a IPA, seguida da Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro em 1955, na sequência a Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro obteve sua vinculação definitiva junto à IPA em 1959 e, por fim, a Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre, foi reconhecida em 1963.

como articulador do movimento psicanalítico contribuiu para uma difusão bastante ordenada da psicanálise, em diferentes regiões da Europa e dos Estados Unidos, culminando com a criação de um crescente número de Sociedades Psicanalíticas que foram incumbidas de promover a expansão geográfica e política da psicanálise, promover seu desenvolvimento científico e manter sua unidade conceitual. Por ocasião do conflito armado, este cenário foi modificado com a desarticulação da psicanálise na Europa continental. Face a esta nova situação, a Sociedade Britânica de Psicanálise tornou-se, durante a guerra e por vários anos subsequentes a ela, o principal centro de inovação e produção de conhecimento psicanalítico, atraindo o interesse de diversos analistas em todo o mundo.

Se é verdade que viver numa Inglaterra devastada pela guerra começava a perturbar a vida da sociedade, não houve seguramente nenhum efeito negativo visível sobre a criatividade científica de seus membros. Foi naqueles anos que Melanie Klein escreveu seus estudos pioneiros sobre o luto e sua relação com os estados maníaco-depressivos (1940), e sobre o complexo de Édipo à luz das primeiras angústias (1945). Nesse mesmo período é dada a luz a introdução de 'Uma psicopatologia revisada das psicoses e das neuroses' por Fairbairn, e assim sucessivamente. Houve também estudos importantes assinados por P. Heimann, E. Glover, J. Bowlby, S. Isaacs, etc. (Limentani, 1988/1990, p. 37).

Em decorrência dessas características, profissionais brasileiros que desejassem fazer formação psicanalítica, ou simplesmente aperfeiçoar a formação já iniciada no Brasil, independentemente de seu alinhamento ou conhecimento prévio das ideias kleinianas, encontravam na Sociedade Britânica de Psicanálise um centro mundial de referência na disciplina freudiana, em condições muito mais privilegiadas que as demais Sociedades de Psicanálise existentes na ocasião, em várias regiões do mundo.

Essa conjuntura fazia com a Sociedade Britânica de Psicanálise fosse vista como uma alternativa atraente, uma vez na Inglaterra, independentemente de preferências teóricas prévias, era vista como principal polo de produção de conhecimento psicanalítico no mundo pós-guerra. Uma vez na Inglaterra esses profissionais travaram contato com Melanie Klein e seus seguidores, que ocupavam lugar de destaque nos debates científicos à época, estimulando-os a aderirem a esta vertente teórica. Corroborando esse raciocínio, Hinshelwood (1991/1992) constata um aumento gradativo da procura por formação no Grupo Kleiniano nesse período: "(...) da década de 50 em diante, houve um considerável interesse em 'uma formação kleiniana' e muitas pessoas chegaram de outros países para fazer formação psicanalítica, especialmente da América do Sul e, mais recentemente, da Itália" (p. 350).

Com relação a Argentina, dois fatores preponderantes contribuíram para que este destino se tornasse atraente para jovens profissionais brasileiros: além da proximidade geográfica com o país vizinho, o que tornava o deslocamento muito mais

fácil, a Associação Psicanalítica Argentina desde sua fundação em 1943 granjeava projeção internacional, com a presença de vários analistas europeus que emigraram para a Argentina em decorrência da diáspora judaica durante a Segunda Guerra Mundial, tornando-se um campo batente propício para o desenvolvimento de um pensamento psicanalítico eclético e original. Neste contexto, o grupo liderado por Arminda Aberastury<sup>6</sup> despontou-se na Sociedade Psicanalítica Argentina como uma referência em psicanálise de crianças na América Latina, influenciando diversas gerações de psicanalistas a partir da matriz kleiniana, cujos reflexos se fazem sentir ainda hoje. Ainda que o pensamento kleiniano não fosse hegemônico na Associação Psicanalítica Argentina, no campo da psicanálise de crianças essa matriz teórica era predominante.

Complementarmente, a presença de psicanalistas da Sociedade Britânica de Psicanálise e da Associação Psicanalítica Argentina no Brasil favoreceu a difusão das ideias kleinianas no país a partir da década de 1950.

Em 1948, chegam ao Brasil os psicanalistas Mark Burk<sup>7</sup>, proveniente da Inglaterra, e Werner Kemper<sup>8</sup> da Alemanha, com a finalidade de viabilizar no Rio de Janeiro a formação psicanalítica de um grupo de analistas cariocas<sup>9</sup>. Dentre os dois analistas, Burk apresentava forte afinidade com o pensamento de Melanie Klein com quem manteve contato em Londres, iniciando assim a transmissão dessas ideias no Rio de Janeiro. Após dificuldades de adaptação no Brasil, regressou em 1953 à Inglaterra deixando incompleta a formação de vários analisandos que foram premidos a concluí-la ora na Sociedade Britânica de Psicanálise ou na Associação Psicanalítica Argentina (Perestrello, 1987). O primeiro registro da presença de um analista da Sociedade Britânica de Psicanálise em São Paulo data de 1958, ocasião em que Paula Heimann participa do II Congresso Latino-Americano de Psicanálise. Em 1959 é a vez de Hans Thorner participar das atividades científicas da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, destacando as contribuições de Melanie Klein à psicanálise (Barcellos, 1976).

Com relação a presença dos analistas da Associação Psicanalítica Argentina

---

<sup>6</sup> Arminda Aberastury, no início de sua atuação profissional como analista de crianças, alega ter mantido contato epistolar com Melanie Klein, com quem discutia questões técnicas, tendo sido influenciada por essa autora no desenvolvimento de sua prática clínica (Fendrik, 2006).

<sup>7</sup> Psiquiatra e psicanalista de origem judia, Mark Burke (1900-1975) foi analisado por James Strachey e posteriormente admitido como membro da Sociedade Britânica de Psicanálise. Radicou-se no Brasil com a missão de fundar a primeira sociedade psicanalítica no Rio de Janeiro. Após grandes dificuldades de adaptação ao modo de vida carioca e a ocorrência de conflitos com Werner Kemper, retorna à Inglaterra em 1953. Na data de seu falecimento, residia nos Estados Unidos, onde teve importante participação da difusão do pensamento kleiniano (Roudinesco & Plon, 1997/1998).

<sup>8</sup> O médico alemão Werner Kemper (1899-1976) foi analisado por Müller-Braunschweig e integrou a Sociedade Psicanalítica de Berlim. Com um passado obscuro, acusado de ter apoiado o regime nazista, foi enviado por Ernest Jones, juntamente com sua mulher, a também psicanalista Katrin Kenper, para o Brasil, onde residiu até 1967. Teve importante participação na fundação da Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro (Roudinesco & Plon, 1997/1998).

<sup>9</sup> Posteriormente o grupo de Kemper deu origem a Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro e o de Burk a Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro.

no Brasil, constata-se que o intercâmbio foi bastante efetivo durante as décadas de 1950 e 1960, dada a proximidade geográfica. Cabe salientar a presença regular de Emílio Rodrigué que, durante os anos de 1950, supervisionou analistas de São Paulo como Virgínia Bicudo e Lygia Amaral. A partir da década de 1960 o maior destaque recaiu sobre Arminda Aberastury e o grupo por ela liderado, que incluía Raquel Soifer, Eduardo Kalina, e Maurício Knobel, que, a partir da década de 1960, ministraram cursos, palestras e supervisões em São Paulo e no Rio de Janeiro (Abrão, 2001; Lima, 1987).

Todos esses elementos conjugados fizeram com que a psicanálise de um modo geral ganhasse proeminência no Brasil e as ideias kleinianas assumissem destaque como principal influência teórica e técnica, sobretudo no que diz respeito a análise de crianças. Desta forma, a partir da década de 1950 começam a surgir profissionais com formação psicanalítica que possuíam informações sobre a técnica de análise de crianças desenvolvida por Melanie Klein, capazes de atender a demanda clínica que emergia em diferentes contextos, fazendo com que a psicanálise de crianças praticada no Brasil migrasse das práticas associadas a educação por intermédio da higiene mental escolar para a delimitação de uma prática clínica desenvolvida em âmbito institucional que pode ser denominado de psicoterapia psicanalítica com crianças.

Em 1954, Décio Soares de Souza retorna ao Brasil após ter concluído sua formação psicanalítica na Sociedade Britânica de Psicanálise, trazendo na bagagem a mística de ter feito supervisão com Melanie Klein, de quem recebeu grande influência, “especialmente o pensamento de Melanie Klein deixou-o encantado. Klein era sua praça iluminada, onde os mistérios da alma humana ganhavam transparência e ordenação metodológica” (Perestrello, 1987, p. 84). No ano seguinte, passou a atuar na Clínica de Orientação Infantil do Instituto de Psiquiatria<sup>10</sup> da então Universidade do Brasil<sup>11</sup>, desenvolveu, inicialmente, atividades terapêuticas e preceptoria de jovens psiquiatras ainda em formação<sup>12</sup> e, a partir de 1956, a convite de Adauto Botelho, catedrático de psiquiatria da referida Universidade, assume a direção da Clínica de Orientação Infantil, cargo que ocupou até 1958. A atuação profissional de Décio Soares de Souza nesta instituição ganha destaque em duas frentes principais: introduz de forma pioneira a prática de psicoterapia psicanalítica com crianças no Rio de Janeiro, na medida em que as ações desenvolvidas anteriormente nesta clínica ficavam no âmbito da profilaxia mediante a realização de psicodiagnóstico e orientação de pais; e difunde de forma sistemática o ensino da teoria e da técnica

<sup>10</sup>A Clínica de Orientação Infantil do Instituto de Psiquiatria da Universidade do Brasil foi fundada em 1953

<sup>11</sup>A Universidade do Brasil corresponde à atual Universidade Federal do Rio de Janeiro.

<sup>12</sup>Entre os psiquiatras que contaram com a preceptoria de Décio Soares de Souza na Clínica de Orientação Infantil, destacam-se os nomes de Mara Salvine de Souza e Ana Elisa Mercadante. Ambas se tornaram, posteriormente, psicanalistas pela Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro.

desenvolvida por Melanie Klein junto a seus alunos.

Em São Paulo a transição das práticas de higiene mental em direção a psicoterapia psicanalítica de crianças foi realizada pelos próprios profissionais da Clínica de Orientação Infantil da Seção de Higiene Mental Escolar, mediante a ampliação do seu escopo de ação e do estabelecimento de novas parcerias institucionais. Em 1954, Annita de Castilho e Marcondes Cabral<sup>13</sup> convidou Durval Marcondes para coordenar um curso de especialização em psicologia clínica destinado a egressos do curso de filosofia que buscavam aprimorar seus conhecimentos na área da psicologia. Para dar exequibilidade a esta iniciativa, Durval Marcondes recrutou sua equipe técnica do Seção de Higiene Mental Escolar para atuar como docentes desse curso, entre os quais figuravam os nomes de Lygia Amaral, Virgínia Bicudo, Judith Andreucci e Laertes Moura Ferrão, todos, ao tempo, já eram membros da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (Abrão, 2001). Da conjugação advinda de todas essas esferas institucionais, quais sejam: Seção de Higiene Mental Escolar, Universidade de São Paulo e Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, emerge o referido curso de especialização que possibilitou integrar elementos teóricos e técnicos da psicanálise, com pioneirismo e inovação, tendo em vista ser essa uma iniciativa inédita em São Paulo.

De acordo com relatos colhidos por Esther Botelho (1989), o conteúdo programático do curso cobria um amplo espectro de temas, que se iniciavam com as teorias psicanalíticas de Freud e Melanie Klein, passando por observação psicanalítica de bebês até chegar aos fundamentos dos testes psicológicos. Paralelamente, os alunos desse curso realizavam atendimentos clínicos na Clínica de Orientação Infantil do Seção de Higiene Mental Escolar sob supervisão dos professores do referido curso.

Neste momento, dada a importância histórica capital assumida por este Curso de Especialização, é possível identificar alguns elementos que tornam essa iniciativa singular: trata-se do primeiro registro histórico do ensino regular da teoria e da técnica desenvolvida por Melanie Klein em âmbito universitário no Brasil; contribuiu para a implementação, de forma pioneira, da psicoterapia psicanalítica com crianças como recurso terapêutico para o tratamento de transtornos mentais da infância e fomentou a criação, em 1958, do Curso de Psicologia na Universidade de São Paulo.

Ainda em São Paulo, é possível observar em outros contextos institucionais a emergência de uma demanda clínica com crianças e a consequente necessidade de implementação de práticas voltadas a psicoterapia infantil, cujo aporte teórico e técnico principal foi a psicanálise. Um exemplo que merece destaque por sua amplitude é o Serviço de Higiene Mental e Psiquiatria Infantil do Departamento de Pediatria do Hospital das Clínicas da Universidade de São Paulo, idealizado e fundado,

---

<sup>13</sup>Annita de Castilho e Marcondes Cabral (1911-1991) foi professora catedrática da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, tendo tido importante participação na criação do Curso de Psicologia, em 1958, na referida universidade.

em 1956, por Pedro de Alcântara Marcondes Machado<sup>14</sup>, que tinha por finalidade acolher crianças com transtornos emocionais, via de regra quadros de neurose re-presentados por fobias, desajustes sociais, enurese, em sua grande maioria casos residuais da clínica pediátrica refratários aos tratamentos médicos convencionais disponíveis à época.

É neste contexto que surge o psiquiatra Oswaldo Milto Dante Di Loreto (1929-2009), convidado para integrar a equipe<sup>15</sup> desse serviço de assistência à criança. Para dar exequibilidade à proposta idealizada por Pedro de Alcântara, Oswaldo Di Loreto introduz um modelo de psiquiatria psicodinâmica bastante distinto do modelo organicista-descritivo, adotado por Antônio Carlos Pacheco e Silva<sup>16</sup>, catedrático de psiquiatria da mesma Universidade. Gradativamente e de forma autodidata Oswaldo Di Loreto estrutura um modelo de psicoterapia fortemente influenciado pela psicanálise no qual as ideias de Melanie Klein ganharam grande projeção como sustentáculo teórico e técnico de sua prática clínica, que começou a ser gestada a partir de meados da década de 1950 neste serviço.

A aproximação com a teoria kleiniana foi marcada por forte ambivalência indo de uma estranheza aversiva até chegar a uma adesão criativa. Os primeiros contatos com os textos de Melanie Klein foram assim descritos por ele:

Eu comprava qualquer livro cujo título conjugasse o prefixo psi com o sufixo criança. Um dia, procurando no centro velho de São Paulo encontro, na Livraria Francesa, o livro de Melanie Klein *A Psicanálise da criança*. Comprei-o cheio de prevenções; 'a orelha' dizia que ela pertencia ao grupo que tinha o sexo na cabeça. Mais tarde, usando as horas tranquilas da madrugada de um plantão, iniciei a leitura. Antes de 50 páginas, em meio àquela profusão oceânica de tetas, pênis, úteros e vaginas que abundam os livros da Sra. Klein, as prevenções se confirmaram como realidade. Fechei o livro, subi ao ponto mais alto do Olimpo e sentenciei definitivo: 'Esta mulher é louca e porca, mais porca do que louca!'. E assim ficou sentenciado por oito anos. Não tinha ainda evolução para ver que havia embutido nos aspectos mais evidentes – a ênfase no anatômico – exatamente aquilo que eu procurava: uma boa teoria psicológica! (Loreto, 2004,

---

<sup>14</sup>Pedro de Alcântara Marcondes Machado (10901-1979) formou-se em 1924 pela Faculdade de Medicina de São Paulo, ingressando em 1933 como professor do Instituto de Higiene de São Paulo na disciplina Higiene da Primeira Infância e em 1946 transferiu-se para a Faculdade de Medicina de São Paulo como docente na cátedra de Clínica Pediátrica e Higiene da Primeira Infância, onde permaneceu até a sua aposentadoria em 1964. Enquanto precursor da psicanálise no Brasil escreveu, em 1936, o artigo *Objções da psicanálise ao uso da chupeta: análise e crítica*, fundamentando suas hipóteses em Melanie Klein.

<sup>15</sup>A equipe deste serviço foi assim constituída: Eduardo Marcondes (pediatra), Dulce Marcondes e Oswaldo Di Loreto (psiquiatras), Aydil Machado de Queiroz Perez Ramos (psicóloga) e Mina Buzvosky (assistente social) (Abrão, 2021).

<sup>16</sup>Antônio Carlos Pacheco e Silva formou-se pela Faculdade Nacional de Medicina do Rio de Janeiro, em 1920. A partir de 1922 passou a dirigir o Pavilhão de Menores Anormais do Hospital do Juquery, em 1934 foi contratado pela Faculdade de Medicina da USP, assumiu a cátedra de psiquiatria em 1936 como sucessor de Franco da Rocha, e, no ano de 1935, foi contratado como professor de psiquiatria da recém-criada, Escola Paulista de Medicina, posteriormente incorporada a Universidade Federal de São Paulo. Teve grande ascensão sobre a psiquiatria acadêmica paulista, posicionando-se de forma contrária a teoria psicanalítica.

p. 76)

Na medida em que a prática clínica avançava, a compreensão do simbolismo do brincar ganha ordenação metodológica aos olhos de Oswaldo Di Loreto, permitindo revisitar a teoria kleiniana e compreender os ensinamentos que ela trazia acerca dos recônditos mais primitivos da mente humana. Gradualmente a estranheza deu lugar a uma forte adesão ao pensamento kleiniano, não uma adesão canônica e desvalida de crítica, como muitos de seus contemporâneos, haja vista que Oswaldo Di Loreto não era nada afeito a ortodoxias, mas essa adesão possibilitou o aparecimento de um pensamento criativo com o acréscimo de ideias originais que vinham complementar a teoria das posições proposta por Melanie Klein. Embora formulada precocemente, ao logo da década de 1960, sua hipótese teórica surge somente em 2007 no livro *Posições tardias: contribuição ao estudo do segundo ano de vida*. O autor agrega a teoria da posição esquizo-paranoide e posição depressiva no primeiro ano de vida, uma terceira posição que surge a partir do segundo ano, denominada posição esquizo-maniáca. Premida pela libido maturativa a criança tende a transitar da "realidade virtual", que é proporcionada pelos pais, em direção a "realidade real", que deverá ser conquistada pela criança, e com esse fluxo de desenvolvimento passa a desenvolver a identidade de potência.

No segundo ano, a potência é cindida e imensamente dissociada, e as partes funcionais resultantes, impotência e onipotência, terão destinos diversos. A impotência é negada e a onipotência, retida, preside a mente (e por decorrência a conduta), ou é projetada sobre os adultos, particularmente os pais (Loreto, 2007, p. 64).

Com base neste raciocínio clínico e valendo-se da tradição kleiniana de relacionar a posição com o mecanismo mental predominante, Oswaldo Di Loreto denomina esse modo de funcionamento psíquico característico do segundo e terceiro anos de vida de posição esquizo-maniáca, na medida em que prevalecem mecanismos dissociativos e maníacos empregados conjuntamente para negar a impotência.

A partir dessas iniciativas aqui compendiada é possível concluir que durante as décadas de 1950 e 1960 as ideias kleinianas ganham corpo entre os profissionais brasileiros, contribuindo diretamente para a emergência de uma prática em psicoterapia psicanalítica com crianças em diferentes contextos institucionais e paralelamente em consultórios particulares que começa a ganhar corpo nesse período, fazendo com que a técnica kleiniana encontrasse maior aceitação e representatividade no Brasil, na medida em que fornecia um instrumental teórico e técnico respondente às demandas clínicas que chegavam até os psicoterapeutas.

### **A Consolidação da Psicanálise de Crianças e da Matriz Kleiniana**

O período descrito anteriormente circunscrito pelas práticas denominadas de psicoterapia psicanalítica de crianças cumpriu a função promover a difusão das ideias kleinianas enquanto recurso teórico-técnico para subsidiar práticas de análise

infantil, fato que, a longo prazo, permitiu a expansão e legitimação dessa especialidade no Brasil:

(...) a legitimação dessa singular forma de compreensão do psiquismo infantil, tanto pelo segmento social quanto pelo científico - conquista esta, que em certa medida já havia sido lograda nos períodos anteriores, e cujo reflexo pode ser encontrado na consolidação de um espaço institucional; e a consecução por parte dos profissionais que começavam a incursionar-se pela análise infantil, de uma formação adequada, que lhes dava respaldo para o exercício da psicanálise como método terapêutico acessível à criança. Evidentemente, as contingências institucionais que interferiam no trabalho terapêutico oferecido às crianças e a formação psicanalítica dos profissionais, ainda em seu introito, impunham algumas limitações ao atendimento desenvolvido (Abrão, 2001, p. 220).

Soma-se a este fato o surgimento das primeiras traduções, para o português, dos textos de Melanie Klein, ocorridas a partir do final da década de 1960, com a publicação em 1969 do livro *Psicanálise da Criança* e, em 1970, da coletânea *Contribuições à Psicanálise*, ambos pela Editora Mestre Jou. Por sua vez pela Editora Zahar foram publicados, em 1969, o livro *Os Progressos da Psicanálise* e os dois volumes que compõem a coletânea *New Directions in Psycho-Analysis*, com os títulos: *Novas Tendências na Psicanálise* e *Temas de Psicanálise Aplicada*, e pela Editora Imago, em 1969, a coletânea *A Educação de Crianças*, em 1974, o trabalho *Inveja e Gratidão*, em 1975, *Amor, Ódio e Reparação* e *O Sentimento de Solidão* e, finalmente em 1976, o livro *Narrativa da Análise de Uma Criança*. O incremento das traduções dos textos de Melanie Klein para o português no Brasil, avaliado retrospectivamente, exerceu um efeito ambíguo: por um lado, expressa o crescente interesse pelas ideias de Melanie Klein no país e proporcionou aos profissionais brasileiros maior contato com a obra dessa autora, possibilitando sua disseminação de forma mais ampla, para o grande público que não tinha acesso aos originais em inglês; por outro lado, essas traduções foram realizadas de forma pouco cuidadosa, sem contextualização histórica e sem uniformidade conceitual, fazendo com que o mesmo conceito fosse traduzido de forma distinta em cada uma das publicações, fatos esses que levaram a distorções na compreensão da obra dessa autora (Abrão, 2004)<sup>17</sup>.

Conjuntamente esses fatores contribuíram para que, ao longo das décadas de 1970 e 1980, fosse observado significativa expansão do interesse pela psicanálise de crianças, que passa a ser reconhecida socialmente como instrumental viável para o tratamento dos transtornos emocionais da infância e, conseqüentemente da matriz kleiniana, entendida como principal referência teórica e técnica para subsidiar essa prática. Esse processo de expansão da psicanálise evidentemente não esteve circunscrito unicamente à psicanálise de crianças, sendo em verdade um

<sup>17</sup>No início da década de 1990 a Editora Imago lançou no Brasil as Obras Completas de Melanie Klein, com uma nova tradução a partir da edição inglesa de 1975 *The writings of Melanie Klein*, composta por quatro volumes.

fenômeno geral da psicanálise brasileira, como bem salientou Sérvulo Augusto Figueira (1991a): “Deixando de lado o exagero, o fato é que um processo de difusão da psicanálise, que se intensificou a partir do problemático final da década de 60, atingiu níveis inusitados no início da década seguinte (...)” (p. 210).

Como consequência dessa legitimação social, evidencia-se um incremento da demanda por atendimento psicanalítico de crianças Brasil, em um momento em que ainda eram escassos os profissionais que atuavam nessa especialidade, tendo em vista a inexistências de cursos dedicados a formação de psicanalistas de crianças, mesmo dentro das Sociedades de Psicanálise filiadas à IPA que surgiram no país a partir da década de 1950. Até este momento, os profissionais que atuavam no campo da psicanálise de crianças ou eram autodidatas ou haviam se associado a pioneiros de quem receberam instruções teóricas e, em alguns poucos casos, haviam adquirido instruções teóricas no exterior, onde entraram em contato com a técnica da análise de crianças através do brincar proposta por Melanie Klein.

Foi a partir desse contexto que começam a surgir a partir da década de 1970 cursos de especialização em psicanálise de crianças. Em 1970, Fábio Leite Lobo organiza visitas sistemáticas de Arminda Aberastury e Eduardo Kalina para ministrar um curso de psicanálise de crianças na Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro. Informada dessa iniciativa a psiquiatra Amélia Vasconcelos, na condição de presidente do Centro de Estudos Luiz Vizzoni<sup>18</sup>, organiza atividade semelhante em São Paulo a partir de 1972. Com a morte de Arminda Aberastury, o curso passou a ser ministrado por Eduardo Kalina e Maurício Knobel, atividade que se estendeu até 1975 para um número crescente de interessados, divididos em dois grupos: o primeiro de candidatos do Instituto de Psicanálise com 15 participantes e o segundo com 50 membros entre médicos e psicólogos. A presença regular do grupo de Arminda Aberastury no Brasil possibilitou não só a transmissão da técnica de análise de crianças, como também facilitou a disseminação do pensamento kleiniano, que gradualmente se constituía como a principal matriz teórica da análise infantil no país.

O sucesso dessas iniciativas fez com que, em 1976, a Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo convidasse o casal Prego e Silva do Uruguai para ministrar curso de psicanálise de crianças. Na sequência foi organizado um curso de especialização em análise infantil com duração de três anos que contou com a presença do casal Prego e Silva e com psicanalistas locais que já tinham experiência e formação na área, notadamente: Virgínia Bicudo, Lygia Amaral e Frank Philips.

Na medida em que os cursos dedicados a formar psicanalistas de crianças foram se expandindo e um número maior de profissionais habilitados ao exercício desta especialidade clínica se avolumou, surgiu a necessidade do reconhecimento institucional, por intermédio da formalização dessa especialidade nas Sociedades

---

<sup>18</sup>O Centro de Estudos Luiz Vizzoni é uma Associação de Candidatos da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.

de Psicanálise. Desta feita, a Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro conferiu a um grupo de psicanalistas com experiência no atendimento de crianças o título de psicanalista de crianças, são eles: Ana Elisa Mercadante, Jayme Salomão, Rosa Beatriz Pontes de Miranda e Yara Lansac (Souza, 1988). A partir dessa data, o curso de formação de psicanalistas de crianças da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro passa a ser ministrado regularmente por esses profissionais. Por sua vez a Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo manteve de forma sistemática o curso de formação de psicanalista de crianças durante toda a década de 1980, ampliando suas atividades didáticas para três anos, no entanto, somente em 1988 veio a reconhecer essa especialidade e estabelecer o regulamento relativo à formação de psicanalista de crianças.

Em outra direção Oswaldo Di Loreto, que se mantinha distante do formalismo das Sociedades de Psicanálise, dedicou-se a transmitir às novas gerações de psicólogos e psiquiatras sua experiência com a psicoterapia infantil fortemente alicerçada nas ideias kleinianas. Essa iniciativa teve início no final da década de 1960, quando Oswaldo Di Loreto começou a ser procurado para dar supervisão clínica para profissionais que atuavam com psicanálise de crianças, essas atividades isoladas ganharam um contorno mais sistemático com a criação do Grupo de Estudos de Psiquiatria, Psicologia e Psicoterapia da Infância, que se constituiu em um curso itinerante. Esse curso, com muitas variações em razão de demandas locais, foi ministrado por aproximadamente três décadas em diversas cidades, notadamente: Campinas, Santos, Ribeirão Preto, São José do Rio Preto, Curitiba, Londrina, Maringá, Goiânia, Brasília, Campo Grande e Fortaleza, permitindo a disseminação do pensamento kleiniano para além do eixo Rio de Janeiro-São Paulo (Abrão, 2021).

Em conjunto esses cursos permitiram a popularização da teoria kleiniana e a adoção da técnica da análise de crianças através do brincar, fazendo com que Melanie Klein se tornasse a principal autora de referência no que concerne a análise de crianças. A partir de meados da década de 1990, observa-se um arrefecimento da influência hegemônica que o pensamento kleiniano exerceu sobre a psicanálise de crianças praticada no Brasil ao longo de décadas, na medida em que outros autores, como Winnicott, passaram a ser estudados, no entanto a técnica do brincar, com algumas variações continuou sendo uma baliza importante até os dias hodiernos.

### **O Pensamento Kleiniano no Brasil: reprodução ou criação?**

Durante o processo de difusão do pensamento kleiniano no Brasil e, por conseguinte, de sua aplicação teórica e técnica no campo da psicanálise de crianças<sup>19</sup>, tal qual demonstrado anteriormente, é possível constatar diferentes etapas que

---

<sup>19</sup>Embora o foco da presente discussão recaia sobre a relação da matriz teórico-técnica kleiniana com a psicanálise de crianças no contexto brasileiro, é importante ressaltar que a difusão do pensamento kleiniano não ficou restrita a análise infantil, ao contrário, espalhou-se por outros campos da psicanálise no país.

caracterizaram a apropriação das ideias de Melanie Klein pelos profissionais brasileiros, sendo possível singularizar ao menos quatro momentos distintos ao longo do século XX.

O primeiro momento, que coincide com os anos iniciais da difusão das ideias kleinianas no Brasil, consiste em uma apropriação canônica deste referencial teórico e técnico, que, ao menos do ponto de vista da divulgação, foi adotado de forma bastante dogmática, ressaltando determinadas características emblemáticas que caracterizam a teoria e a técnica propostas por Melanie Klein. Desta forma, determinados conceitos foram tomados como clichês no afã de ressaltar a filiação do autor a determinada matriz de pensamento clínico, de tal forma que as comunicações clínicas apresentadas pelos analistas brasileiros de inspiração kleiniana enfatizavam de forma demasiada temas como a agressividade, a inveja, a transferência negativa, a identificação projetiva, como tentativa de marcar sua filiação ao pensamento dessa corrente teórica. Essa característica demarca um período histórico da difusão do pensamento kleinianas no Brasil, em que prevaleceu uma compreensão aleijada dos trabalhos de Melanie Klein, na qual fragmentos da teoria eram apreendidos e propalados sem conexão com o conjunto do sistema conceitual em que se inserem e, tampouco, com o momento histórico em que foram desenvolvidos pela autora. Com isto, essa primeira etapa foi marcada pela reprodução de ideias produzidas na Europa, sem espaço para uma reflexão crítica e inovação.

Uma hipótese para explicar essa forma de apropriação das ideias kleinianas no Brasil pode ser encontrada no contexto histórico em que os primeiros analistas brasileiros entraram em contato com essa matriz teórica. Como demonstrado alhures, os primeiros profissionais latino-americanos que buscaram formação na Inglaterra o fizeram a partir da década de 1950, mais especificamente logo após as *Discussões Controversas*<sup>20</sup>. Considerando o clima belicoso que caracterizou esse período de debates entre kleinianos e freudianos na Sociedade Britânica de Psicanálise, os analistas latino-americanos que lá estiveram neste período encontraram um momento de exasperação teórica e ênfase demasiada em determinadas características que singularizavam cada grupo, desta forma, muitos candidatos à formação analítica, ou mesmos jovens analistas ainda com pouca experiência, ao comunicarem sua prática clínica, faziam-no de forma excessivamente matizada, dando contorno superlativo ao que se entendia ser uma técnica rigorosamente kleiniana, com o propósito de se posicionarem como partidários de determinada matriz teórica.

---

<sup>20</sup>As *Discussões Controversas* foi um debate político e científico travado na Sociedade Britânica de Psicanálise entre freudianos (ou mais especificamente anna freudianos) e kleinianos, na primeira metade da década de 1940, ocasião em que Melanie Klein e seus seguidores foram convidados a confirmar a veracidade de suas formulações psicanalíticas que haviam sido colocadas em xeque pelos freudianos. Após aproximadamente cinco anos de debates, o conflito foi resolvido mais na esfera política do que na científica, de tal forma que a Sociedade Britânica de Psicanálise foi dividida em dois grupos de formação relativamente independentes: o Grupo A, congregando toda a Sociedade Britânica e os seguidores de Melanie Klein, e o Grupo B, composto pelos partidários de Anna Freud (King & Steiner, 1998).

Após esse primeiro momento caracterizado pelo dogmatismo e reprodução de ideias, a tendência natural é que a psicanálise oriunda de outros centros culturais encontre espaço para se adaptar e se transformar de forma a se tornar respondente às vicissitudes e demandas clínicas locais.

O que ocorre, a meu ver, é que a psicanálise vai se adaptando às circunstâncias sociais, econômicas e culturais tanto da sua clientela como daqueles que a praticam, e não poderia ser de outra forma, já que, estando no mundo, é afetada por aquilo que se passa neste mundo, e por sua vez o afeta segundo certas vias; e não é inútil tentar precisá-las (Mezan, 2002, p. 317).

Neste natural processo de apropriação e transformação do pensamento psicanalítico a um novo contexto cultural surge o segundo momento, no qual se evidencia a ocorrência de pequenos ajustes ou modificações na prática clínica, feitos de forma intuitiva e quase imperceptível à primeira vista, com o intuito de tornar o processo analítico mais adaptado às necessidades e às demandas da dupla analítica que vão sendo constituídas ao longo do trabalho. A característica nodal neste momento é que algumas modificações vão sendo introduzidas na clínica psicanalítica sem que se tenha obrigatoriamente um olhar reflexivo e crítico sobre essas ocorrências que podem, por vezes, sobretudo no caso de analistas menos experientes, ser negadas conscientemente. Dentro desta configuração, a referência para o trabalho psicanalítico é sempre o sistema teórico dominante, tomado como modelo de identificação; assim sendo, qualquer modificação introduzida é sempre entendida como desvio ou transgressão a ser evitada, o que dificulta o reconhecimento das modificações que pouco a pouco vão sendo introduzidas. Assim constatou Sérvulo Augusto Figueira:

(...) a importação psicanalítica cria um dilema interessante, pois as transformações que o saber importado sofre não são pensáveis a partir das definições e das auto-representações também importadas. O resultado de tudo isso é que certas realidades da nossa Psicanálise acabam na posição de duplamente negadas, sendo sua percepção, portanto, duplamente impedida (Figueira, 1991b, p. 117).

Em um terceiro momento, denominado de reconhecimento das transformações, evidencia-se o surgimento de um maior juízo crítico e reflexão sobre as modificações, as adaptações e as ampliações que os analistas foram introduzindo individualmente em sua prática clínica, acompanhado de uma reflexão sobre esta nova conjuntura, entendida ora como inovação, ora como desvio e transgressão. Nesta etapa encontramos um reconhecimento mais explícito das inovações incorporadas ao trabalho clínico e, mais do que isso, evidencia-se o surgimento de um maior juízo crítico e reflexão sobre as modificações, as adaptações e as ampliações que os analistas foram introduzindo individualmente em sua prática clínica. Emerge assim, a convicção da necessidade destas transformações ou, ao menos, de parte delas; no entanto, a fidelidade ao modelo teórico dominante torna o reconhecimento público

desta condição indesejado ou temido pelas críticas e efeitos negativos que supostamente ocorreriam.

O quarto momento, que pode ser definido como uma etapa de sistematização teórica, constitui-se em um processo de organização de dados, experiências e informações, e consequente divulgação, por intermédio da publicação de trabalhos científicos, das transformações identificadas na prática clínica, de forma a compartilhar experiências e discutir os efeitos, sejam eles positivos ou negativos, que estas modificações exercem sobre a psicanálise. Cabe, neste momento, esboçar elaborações teóricas que sejam capazes de explicar conceitualmente as modificações que foram incorporadas no trabalho psicanalítico desenvolvido no país ou em dada região, apontando as conexões e as dissidências com relação ao modelo teórico dominante, de tal modo que se estimulem o debate científico e a delimitação de um referencial psicanalítico nacional.

De forma genérica, ao abordarmos a psicanálise de inspiração kleiniana existente no Brasil, é possível considerar que os autores nacionais se encontram, de forma predominante, entre o terceiro e o quarto momento ora descritos, de tal modo que muitas transformações, sobretudo na técnica psicanalítica, foram introduzidas a partir da matriz kleiniana e um processo reflexivo de elaboração, delimitação conceitual e comunicação começa a ser esboçado de forma mais clara.

### **Considerações Finais**

O percurso histórico aqui apresentado permite vislumbrar que as ideias kleinianas desenvolvidas na Europa encontraram espaço para vicejar no meio científico brasileira desde a primeira metade do século XX, demonstrando que o pensamento de Melanie Klein foi difundido no país antes mesmo do surgimento de uma prática clínica voltada ao atendimento de crianças. Desta forma, por iniciativa de alguns pioneiros essa matriz teórica reverberou, nos primeiros anos, em diferentes áreas do conhecimento científico, predominantemente na educação, subsidiando práticas que tinham por finalidade compreender o desenvolvimento infantil ou mesmo auxiliar na resolução de dificuldades escolares apresentadas pelos alunos.

Foi somente na segunda metade do século XX que as ideias kleinianas ganharam proeminência, sobretudo com o surgimento no país de uma prática clínica regular dedicada à psicanálise de crianças. Na medida em que a técnica da análise de crianças através do brincar foi empregada como recurso técnico da psicanálise de crianças, de forma sistemática e regular, a análise infantil praticada no Brasil passou a ter uma influência majoritária das ideias kleinianas, sobretudo durante as décadas de 1960 a 1980, tornando-a hegemônica. Essa influência começou a ser relativizada, com a introdução de outros autores de referência, somente a partir da década de 1990.

Ainda que a repercussão do pensamento kleiniano tenha arrefecido a partir de 1990, a utilização e desenvolvimento científico desta matriz teórica no Brasil

continuou ativa, de tal forma que sua utilização transitou de uma mera aplicação caracterizada pela reprodução de ideias advindas da Europa, em direção ao surgimento de um pensamento criativo capaz de introduzir reflexões que ampliam de forma original a técnica e a teoria propostas por Melanie Klein, permitindo emergir, ainda que de forma tímida, elementos de originalidade da psicanálise brasileira.

### Referências

- Abrão, J. L. F. (2001). *A história da psicanálise de crianças no Brasil*. Escuta.
- Abrão, J. L. F. (2004). *A tradição kleiniana no Brasil: uma investigação histórica sobre a difusão do pensamento kleiniano*. [Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo].
- Abrão, J. L. F. (2008). A introdução das ideias relativas à psicanálise de crianças no Brasil através da obra de Arthur Ramos. *Memorandum*, 14, 3751. <https://periodicos.ufmg.br/index.php/memorandum/article/view/6691>
- Abrão, J. L. F. (2021). *As contribuições pioneiras de Oswaldo Di Loreto à psicanálise de crianças e à psicoterapia infantil no Brasil*. Zagodone/FAPESP.
- Alcantara, P. (1936). Objecções da psychanalyse ao uso da chupeta: análise e crítica. *Revista da Associação Paulista de Medicina*, 9(5), 385-387.
- Barcellos, R. (1976). *Algumas anotações biográficas da Sociedade brasileira de Psicanálise de São Paulo*. SBPSP.
- Botelho, E. Z. F. (1989). *Os fios da história: reconstrução da história da psicologia clínica na Universidade de São Paulo* [Tese de Doutorado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo].
- Fendrik, S. (2006). *Psicoanalistas de niños. La verdadera historia: 3 Arminda Aberastury y Telma Reca*. Letra Viva.
- Figueira, S. A. (1991a). O pós-boom da psicanálise no Brasil. In S. A. Figueira. *Nos Bastidores da psicanálise* (pp. 210-214). Imago.
- Figueira, S. A. (1991b). A dimensão teórico-clínica da psicanálise no Brasil: imitação ou criação. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 25(1), 109-122.
- Freud, A. (1974). *Psicanálise para pedagogos*. Martins Fontes.
- Freud, A. (1971). Introdução à técnica da análise de crianças. In A. Freud. *O tratamento psicanalítico de crianças* (pp. 17-84). (M. A. M. Matos, Trad.). Imago. (Original publicado em 1926)

- Freud, S. (1987). Análise de uma fobia em um menino de cinco anos. In S. Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 10, pp. 13-154). (J. Salomão, Trad.). Imago. (Original publicado em 1909)
- Hinshelwood, R. (1992). *Dicionário do Pensamento Kleiniano*. Artes Médicas. (Original publicado em 1991)
- King, P. & Steiner, R. (1998). *As controvérsias Freud-Klein: 1941-45* (A. M. Spira, Trad.). Imago.
- Klein, M. (1969). *Psicanálise da criança* (P. Civelli, Trad.). Mestre Jou. (Original publicado em 1932)
- Klein, M., Heimann, P., Isaacs, S. & Riviere, J. (Orgs.). (1969). *Os progressos da psicanálise* (A. Cabral Trad.). Zahar. (Original publicado em 1952)
- Klein, M., Heimann, P. & Money-Kyrle, R. (Orgs.). (1969a). *Novas Tendências na psicanálise* (A. Cabral Trad.). Zahar. (Original publicado em 1955)
- Klein, M., Heimann, P. & Money-Kyrle, R. (Orgs.). (1969b). *Temas de psicanálise aplicada* (A. Cabral Trad.). Zahar. (Original publicado em 1955)
- Klein, M., Isaacs, S., Freeman, E., Searl, N. & Modlemore, M. (1969). *A Educação de crianças à luz da investigação psicanalítica* (A. M. Spira Trad.). Imago. (Original publicado em 1936)
- Klein, M. (1970). *Contribuições à psicanálise*. Mestre Jou. (Original publicado em 1948)
- Klein, M. (1974). *Inveja e gratidão* (J. O. A. Abreu, Trad.). Imago. (Original publicado em 1957)
- Klein, M. & Riviere, J. (1975). *Amor, ódio e reparação*. Imago. (Original publicado em 1937)
- Klein, M. (1975a). *O sentimento de solidão*. Imago. (Original publicado em 1963)
- Klein, M. (1975b). *The writings of Melanie Klein* (Vols. I, II, III, IV). Hogarth Press.
- Klein, M. (1976). *Narrativa da análise de uma criança*. Imago. (Original publicado em 1963)
- Klein, M. (1996). O desenvolvimento de uma criança. In M. Klein. *Amor, Culpa e reparação e outros trabalhos* (pp. 22-75). Imago. (Original publicado em 1921)
- Kupfer, M. C. M. (1989). *Freud e a educação: o mestre do impossível*. Scipione.

- Lima, A. A. (1987). Introdução: a psicanálise de crianças no Brasil. In A. A. Lima (coord.). *Psicanálise de criança* (pp. 13-27). Vértice.
- Limentani, A. (1990). O movimento psicanalítico no mundo durante os anos de guerra (1939-1945) segundo os arquivos da A. P. I. In *Revista internacional de história da psicanálise* (pp. 33-48). Imago. (Original publicado em 1988)
- Loreto, O. (2004). *Origem e modo de constituição das moléstias da mente (psicopatogênese)*. Casa do Psicólogo.
- Loreto, O. (2007). *Posições tardias: contribuições ao estudo do segundo ano de vida*. Casa do Psicólogo.
- Mezan, R. (2002). Psicanálise e cultura, psicanálise na cultura. In R. Mezan. *Interfaces da psicanálise* (pp. 317-392). Companhia das Letras.
- Perestrello, M. (1987). *História da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro: suas origens e fundação*. Imago.
- Ramos, A. (1934). *Educação e Psychanalyse*. Companhia Editora Nacional.
- Ramos, A. (1939). *A criança problema* (4a. ed.). Casa do Estudante do Brasil.
- Ramos, A. (1933). A technica da psychanalyse infantil. *Archivos Brasileiros de Hygiene Mental*, 1(2),195-205.
- Roudinesco, E. & Plon, M. (1998). *Dicionário de Psicanálise*. Zahar. (Original publicado em 1997).
- Sagawa, R. (2002). *Durval Marcondes*. Imago.
- Souza. M. S. (1988). Aspectos história do desenvolvimento da psicanálise de criança no Brasil – Parte IV. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 22(4), 685-690.
- Spillius, E. B. (1990). *Melanie Klein Hoje* (Vol. 2). (B. P. Haber, Trad.). Imago. (Original publicado em 1988)
- Woodward, W. (1998). Rumo a uma historiografia crítica da psicologia. In J. Brozek & M. Massimi. *A historiografia da psicologia moderna: versão brasileira* (pp. 61-87). Loyola.

### **Nota sobre o autor:**

Jorge Luís Ferreira Abrão é professor titular do departamento de Psicologia Clínica da Faculdade de Ciências e Letras de Assis da Universidade Estadual Paulista. Possui graduação em Psicologia pela Universidade Estadual Paulista (1994),

graduação em Direito pela Fundação Educacional do Município de Assis (2019), mestrado em Psicologia e Sociedade pela Universidade Estadual Paulista (1999), doutorado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano pela Universidade de São Paulo (2004) e Livre-docência em Psicologia Clínica pela Universidade Estadual Paulista (2012). E-mail: [jorge.abrao@unesp.br](mailto:jorge.abrao@unesp.br)

**Data de submissão:** 25.09.2023

**Data de aceite:** 07.04.2024